ANNO I — S. João d'El-Rei, 18 de Outubro de 1885 — N. 3.

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno .... 6$000
Semestre ..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno .... 6$000

Escriptorio e officinas — Rua do Duque de Caxias, 54

SUMMARIO

EXPEDIENTE

São correspondentes d'*O Domingo*: — Em Ouro-Preto, Alfredo Guerrien; na Victoria, Antonio Joaquim Rodrigues Junior; no Rio-Novo, Candido Virgilio de Albuquerque; com os quaes poderão se entender os nossos assignantes d'essas cidades.

O DOMINGO

S. João d'El-Rei, 18 de Outubro de 1885.

Collaboração

AINDA uma sorpreza agradavel para os nossos leitores.

Hontem recebemos carta de Augusto de Lima, um dos poucos poetas mineiros, que podem hombrear com os primeiros da nova geração, promettendo honrar as columnas d'*O Domingo* com a sua collaboração valiosa.

Augusto de Lima é d'aquelle tempo glorioso para a Academia de S. Paulo, em que appareceram Valentim Magalhães, Raymundo Corrêa, Affonso Celso Junior, Lucio de Mendonça, Assis Brazil, e outros escriptores brilhantes e poetas distinctos, promettendo na imprensa e na tribuna academica as realisações, que hoje os tornam glorias brilhantes das lettras patrias.

O Domingo, agradecendo a Augusto de Lima as expressões benevolas e honrosas que lhe dirigio, espera ancioso que o talento do illustre poeta venha illuminar-lhe as modestas paginas.

Traducção

DAMOS hoje aos nossos leitores — como valioso mimo — uma lindissima traducção de Catulle Mendés feita expressamente para *O Domingo* pelo nosso illustre collaborador, Raymundo Corrêa.

Uma boa noticia

O nosso illustre collega do *Diario Mercantil*, Gaspar da Silva, vai publicar uma nova obra intitulada *A pasta de um jornalista*.

Conterá artigos de fundo, folhetins, apreciações litterarias e theatraes, contos, traducções de Beaudelaire, noticias a cerca de Arthur Barreiros, Arthur de Oliveira, Ferreira de Menezes, Guilherme Braga, Luiz Gama e outros; emfim, uma especie de *bric-à-brac*.

O prefacio desse livro interessante é escripto pelo distincto litterato Julio Ribeiro. Vêm incluidas no volume duas cartas dirigidas ao seu autor, uma pelo conselheiro Mendes Leal e outra por Anthero de Quental.

Aguardamos com anciedade o trabalho do festejado autor dos *Reverbéros*.

Homenagem ao merito

A ELEVADA illustração de nosso conterraneo o Sr. Aureliano Pereira Corrêa Pimentel acaba de ser dado o mais eloquente testemunho de apreço, sendo-lhe conferida a honrosa nomeação de reitor do Imperial Collegio D. Pedro II.

Para os que desconhecem a importancia das obras ultimamente escriptas pelo Snr. Pimentel, obras em que se revela o estudo assiduo e aprofundado de um espirito superior, a honra que elle acaba de receber é mais do que sufficiente para confirmar a vastidão de seus conhecimentos scientificos, que têm sido reconhecidos e exaltados por innumeras summidades do paiz e do estrangeiro.

Antigo discipulo e constante admirador do illustrado e distincto nomeado, o felicitamos pela brilhante posição a que o elevaram sua illustração e incontestavel talento.

Galeria conterranea

UM dos nossos collegas inaugura hoje uma serie de *pochades*, onde num estylo rapido, alegre, despretencioso, procurará apanhar os traços caracteristicos dos nossos conterraneos mais illustres.

Esperamos que esses esboços, alliando a simplicidade agradavel á puresa das intenções do seu autor, mereçam a acceitação dos nossos leitores . . . e dos *esboçados*, já se vê, a quem fica o direito de reclamar do pintor toda a fidelidade, quando

esta não for rigorosamente mantida como deve ser.

Confiamos na palheta, que, neste caso, é o espirito de observação, de *Raphael Junior* e temos que não lhe hade faltar precisão nas tintas . . .

Sonetomania

. . . hoje qualquer simples rapazete escreve sobre a perna um sonetinho como quem escrevesse algum bilhete.

(Pr. Corrêa de Almeida)

É NOTAVEL a predilecção que por esta forma de poesia revela actualmente a maior parte dos nossos poetas e dos individuos que o pretendem ser.

A lagrima, o sentimento *piégas*, que se extravasavam outr'ora em meia duzia de quadras, são hoje de preferencia manifestados nos quatorze versos desse poema, que por muitos annos foi considerado — privilegio exclusivo de Bocage.

Fazer um soneto, tão difficil outr'ora, é hoje uma cousa commum, vulgar, que qualquer poeta idealisa e escreve com uma rapidez que enche de pasmo os verdadeiros poetas e de indignação a maioria dos leitores.

Nos jornaes e em muitos dos modernos livros de versos, é o soneto que predomina, como uma prova de que são em pequeno numero as organisações poeticas, que conseguiram escapar á influencia da epocha.

A inspiração e o conhecimento da Arte em uns e a imitação em outros — foram estabelecendo uma especie de regra a que se accommodaram de tal modo alguns de nossos poetas que é raro escreverem-se poesias vasadas em outros moldes.

Fôra louvavel em poetas principiantes essa predilecção pelo soneto, incontestavelmente a mais bella forma de poesia, si não occasionasse ella não poucos *naufragios*, resultantes das difficuldades inherentes a esse genero de composição poetica, que para agradar a entendidos é imprescindivel que seja inteiramente expurgada de defeitos; bastando um só, por mais insignificante que seja, para que o poeta incorra no desagrado do critico.

Desconhecendo metrificação, esquecidos da famosa chapa — *a chave de ouro* — que é a preoccupação dos mais caprichosos cinzeladores de versos, atiram-se muitos *noviços* ao soneto, ignorando que n'esta, mais do que em qualquer outra forma de poesia, avultam os defeitos, as incorrecções, como a nodoa, embora pequena, em primoroso e delicado estofo.

A *sonetomania*, porém, conserva-se superior a estas considerações, e só a critica desapiedada e cruel conseguiria debellal-a, demonstrando a varios individuos pretenciosos que o soneto continua a não ser *marimba que preto toca*.

E' preciso que não se tracte o soneto com a mesma familiaridade com que em tempos já remotos foi tractado o *acrostico*, a que Deus haja.

B.

Pochades

— Galeria conterranea —

I

(Dr. J. M.)

O ACASO prégou-lhe injusta peça com uma crueldade inaudita E' moço e tem os cabellos grisalhos. Já houve quem dissesse que é uma flor entre o gelo. Tambem só nisso parece mais velho do que é.

O espirito jovial, a amabilidade attractiva, o andar firme e elegante, as correctas maneiras de cavalheiro, tudo nelle respira mocidade e frescura.

E' sympathico a valer. Goza de uma popularidade immensa.

Falla com voz sempre branda,

O ORGULHO

(C. Mendès)

Quando ainda a materia e a forma eram futuras,
O Creador sonhou o amor das creaturas;
E o mundo a construir com seu sagrado poder,
Disse: — «o homem hade aqui respirar com prazer
E jubilo maior meu sopro; elle aqui hade
Feliz fitar a minha immensa claridade.»
E depois com o pé fez rolar um torrão
De barro, e este se ergueu com vida . . . Deus, então,
Disse: «Adão é teu nome, e os astros e o horisonte
Profundo, e os animaes da floresta e do monte,
E as nuvens e os bilhões de aves, que habitam o ar,
E o oceano, e a terra, e o céo, e a mulher, cujo olhar
E' composto de dois outros céos mais pequenos . . .
Homem! tudo isso é teu, eu dou-te; e em paga, ao menos,
Sempre, humilde, has de amar-me, adorar-me e ter fé.»

E o homem bradou: «Porque tu me metteste o pé?!»

Raymundo Corrêa

Vida que não vivi

A Arthur Mendes

Quando em teus olhos vi a indifferença,
Por n'elles não mais ver essa ternura,
Esse brilho que a mim se me afigura,
Vir de ti para mim na bemquerença;

Quando evitaste após minha presença
E me deixaste immerso na negrura
Do que achou na ventura a desventura,
Descrença que lhe vem da propria crença;

Olha, filha, não sei se aquelle instante
Foi vida que vivi: se foi, não creio:
— Da vida não se vive assim distante;

E eu senti, bem senti, que agonisante,
Por seres d'ella a vida, a luz, o anceio,
Vagava em torno a ti minh'alma errante.

Soares de Sousa Junior

muito harmoniosa, numa sonoridade melliflua inalteravel.

Calmo sempre, sempre um sorriso á flor dos labios, ninguem se gaba de têl-o visto zangado ás direitas—uma vez!

Atravéz do chrystal dos oculos de ouro, scintillam-lhe os olhos pretos, pequenos, velados por longos cilios, brilhantes e vivos, d'aquella vivacidade especial, que é o *tic* da familia.

Como medico é estudioso, querido, feliz, intelligente, trabalhador e muita gente acrescenta que — barateiro tambem. Não desejo experimental-o. é certo, mas praz-me dizel-o em publico, francamente.

Não é *reclame*, é sympathia, palavra de honra.

Traja sempre com certo *chic*.

Usa o chapéo meio *á bolina*, dizem uns que por faceirice (as más linguas) e outros que — por habito.

Habito de faceirice, talvez, digo eu, e com o que não lhe têm sido parcos os lucros desejados.

RAPHAEL JUNIOR.

Plutocrata

FOI no anno passado que elles se casaram.

Nella — o mais extremoso amor ; nelle — o interesse, apenas.

Desse terrivel contraste, risonho não podia ser o porvir esperado . . . Só a desgraça, a morte pelo desespero se podia antever ao longe...

Passaram-se mezes.

Ella—sempre solicita,apaixonada e meiga.

Elle—frio, esquivo, indifferente.

Era um anjo, a Elisa. Bella, em toda a frescura deslumbrante dos seu vinte annos, radiava-lhe no moreno rosto a suave expressão de uma alma romantica, aberta ás santas impulsões do amor profundo e casto, sublime de sinceridade e ternura.

Lia-se-lhe no olhar impressivo o que lhe ia pelo intimo de bondade . . . e de tristeza. Soffria muito aquella pobre creança.

Tinha sempre nos labios um sorriso triste; triste como os dias de sua mocidade desilludida, como as ultimas vibrações do dia á hora do crepusculo, triste!

Amava o marido com todos os delirios e com todos os enthusiasmos febris de uma paixão verdadeira.

E elle nem siquer estimava-a.

Era homem do calculo.

Recebera o dote e tratava de fazel-o augmentar em especulações na Bolsa.

Nada mais. Tinha dias inteiros de nem se lembrar que alli perto havia uma inditosa, bella, dedicada e bôa, que soffria por elle dores terriveis, amargurados anceios.

A ambição suffocára no peito d'aquelle homem todas as expansões do Bem, toda a nobreza, toda a susceptibilidade . . .

Vivia para o dinheiro.

E, por um desses mysterios inexplicaveis do coração humano, quanto mais despresava-a, mais a esposa idolatrava-o loucamente . . .

Elisa quiz fazer um ultimo esforço.

Experimentou.

Foi numa hora silenciosa e poetica. A natureza começava a adormecer. Tinha quasi desapparecido o sol e a immaculada limpidez do azul marchetava-se de nuvensinhas *moutonnées*, que iam escurecendo aos poucos.

No jardim, vestida de branco, aberto a meio o corpinho do roupão, soltas as tranças ao capricho dos euros, ella esperava-o, meditando.

— Duvidará ainda que o amo ? perguntava a si mesma a infeliz senhora.

Elle appareceu no portão. Ella sorrio, corando levemente, e chamou-o.

Fêl-o approximar-se ,sentar-se bem junto de si, e pousou-lhe de leve no hombro a face tentadora . . .

Disse-lhe mil palavras repassadas de ternura, moduladas com aquelle tom insinuante e magico, que só as mulheres sabem ter quando amam . . .

Elle fez um movimento brusco.

Que tinha o que fazer e não podia estar alli em idyllios tolos, sem mais razão de ser, depois de dous annos de casados . . .

E retirou-se para o *chalet*.

Eliza acompanhou-o com o olhar. Quando o vio desapparecer, deixou irromper um fundo gemido angustiado do coração ferido rudementa,e só no largo e amargurado pranto achou algum allivio para a dor cruciante, que lhe despedaçava o peito . . .

Desse dia em diante, mudou completamente.

Fugia do esposo, tornou-se reservada, entregou-se a uma tristeza muda, numa resignação angelica, sem procurar combater a magoa. que lhe consumia aos poucos a existencia . . .

Despedaçadas tão cruelmente as suas illusões mais caras, por força que um padecer enorme viria prostrar-lhe o organismo debil, roubando-lhe as energias do espirito, que não podia viver sem o benefico fortalecimento do amor.

Poucos dias depois — era cadaver.

Antes de morrer chamou o esposo.

— Já vou, respondeu elle. Estou concluindo umas contas . . .

Quando aproximou-se do leito da enferma, ella não lhe poude mais dizer o ultimo adeus. Tinha expirado.

E nem uma lagrima brilhou nos olhos d'aquelle monstro, cujas fibras de sensibilidade a *plutocracia* ossificára de todo . . .

JORGE RODRIGUES

O Cego

— E' cego, dizem, coitado !
Não vê da luz o fulgor !
Vive em trevas sepultado,
Na noite sempre ! Que horror !
E' cego, dizem,coitado !
Não vê da luz o fulgor !

Não ver o lago, a collina
Da luz do sol se doirando,
Quando da nevoa a cortina
Seus raios vêm dissipando!
Não ver o lago, a collina,
Da luz do sol se doirando!

Saber que ha luz na deveza
E ter a treva defronte!
Não ver do azul a pureza
Sobre o cabeço do monte!
Saber que ha luz na deveza
E ter a treva defronte!

Não ver no prado viçoso
Das borboletas o bando!
E saber que è magestoso
O sol que vai descambando!
Não ver no prado viçoso
Das borboletas o bando!

Ouvir somente do rio
O marulhar sob a ponte
E o plangente murmurio
Que teem as aguas da fonte!
Ouvir somente do rio
O marulhar sob a ponte!

....

Do que é bello ser privado
Muito triste è com certeza,
Mas, nunca tendo gozado,
Que ideia faz da belleza?
Do que é bello ser privado
Muito triste è com certeza!

Tem elle acaso o tormento
De atroz, pungente saudade?
Occupam-lhe o pensamento
Lembranças da flicidade?
Tem elle acaso o tormento
De atroz, pungente saudade?

Mais infeliz do que o cego
Eu sou, porque me deixaste.
Hontem a paz, o socego
Hoje...meu Deus! Que contraste!
Mais infeliz do que o cego
Eu sou, porque me deixaste!

JOSÉ BRAGA.

O grotesco

ERA tão feio, tão feio... Se ás vezes o pobre homem sahia de casa, arrastando a sua perna coxa, carregando com todos os seus aleijões, para ir beber um pouco de ar, deliciar os olhos n'uma nesga do azul, aquecer-se sob um sol amigo e bemfeitor, tinha que atravessar as viellas mais obscuras para se escapar ao rapazito, que, inconsciente, o apupava como se a sua presença annunciasse desgraça na terra.

Mas o dia estava tão lindo...

— Ate logo, mãe! e abraçou a bôa velha, que tanto o estremecia, a unica que o acariciava, que comprehendia quanto coração havia dentro daquella figura grotesca e brutal.

E foi pelo campo fóra, invejando as avesitas que voavam aos bandos, chilreando os seus amores, as rosas que cresciam e desabrochavam á luz daquelle bom sol de maio.

Como tudo aquillo era feliz: as flores que se sorriam, os pardalitos que namoravam... E elle, o homem, o *rei da creação*, não podia sorrir, não podia amar...

Parecia que a natureza fizera delle uma ironia, para castigo da vaidade humana.

Sentou-se a descançar e adormeceu.

Já ia cahindo a tarde quando viu a necessidade de regressar á casa.

A gente do trabalho voltava das suas ceifas, cantarolando as canções da terra. Era preciso fugir-lhes, pensou o desgraçado. Se o apanhassem os garotos, filhos dessa multidão laboriosa mas ignorante, iam passar um bocado divertido.

Mas cada vez se ouviam mais perto as vozes... Como fugir-lhes?

E ficou absorto, tremulo, amaldiçoando o mundo que o formára assim, a elle que nunca fizera mal a ninguem...

E poz-se a chorar, encostado a uma arvore, procurando esconder se das gargalhadas e do despreso dessa gente estupida, onde muitas almas, talvez bem peccadoras, passavam, entretanto, envoltas em carnaduras perfeitas e robustas.

Era tarde, muito tarde já, mas elle não se atrevia a avançar... começavam a chegar de braços enlaçados as raparigas e os seus namorados, as velhas e os maridos, que o olhavam, fazendo figas, dizendo-lhe cousas, injurias, porque o homem era o enguiço, o *porte malheur* de todos elles; seára, por onde elle passas e, não medrava, fanavam-se as rosas, desmanchavam-se casamentos...

Cruz, cruzes, cousa má! e benziam-se as velhas.

O rapazito travesso, que vinha ás cabriolas, toureando com pedaços de canna os cães lazarentos que encontrava, achou-se de cara a cara com o infeliz, que não poude fugir a tempo de o evitar. Guerra! bradaram todos.

E cada um pensou numa judiaria, assobiando-o, atirando-lhe pedras, batendo-lhe, como se elle fosse um cão damnado: Guerra, guerra! era o grito daquelles pequenos malcreados, que o mestre escola esperava, baldadamente, todos os dias. E elle defendia-se, mas só; ninguem punha o seu braço a livral-o; não, não, que elle era signal de desgraça...

E fugiu, fugiu, conforme poude, emquanto atraz de si resoavam risos de troça, phrases grosseiras e obscenas.

Doido, febril, correu para casa, disposto, talvez, a acabar com a vida, quando, ao transpôr os umbraes do seu casebre, viu sentada á barreira uma pobre velha, soluçando —porque era já noite e o seu filho ainda não tinha recolhido...

Quando elle entrou, com toda a sua disformidade, dentro da miseravel habitação, elle o horror de toda a aldeia, repellido, desprezado,

insultado por todos e sentio cahir-lhe nos braços os braços tremulos da bôa velha, comprehendeu, emfim, que havia alguem no mundo que não o apedrejava, um coração que batia por elle.

— Oh, minha mãe, minha mãe...

CARLOS DE MOURA CABRAL.

Exhortação

Não chores, flor, a vida
teu pranto não merece,
soergue á luz da prece
tu'alma extremecida.

Que magoa indefinida
meu intimo padece,
se em tuas faces desce
a lagrima sentida!

Sorri á phantazia,
afoga na alegria
a dor que o pranto exprime,

— pois tu nunca hasde ter
quem possa comprehender
o teu chorar sublime!

J. R.

Sobre a meza

Já sei, Já sei. Um colleguinha de muito espirito, de um espirito terrivel, ferino, caustico. Não offende, mas dá uma porção de alfinetadinhas em meio-mundo, repetidamente, umas sobre outras, sem dó, nem piedade. Terrivel!

Diario Mercantil. S. Paulo. Magnifico. No n. 222 estampa em columna de honra o artigo *Rio Branco e Saraiva* do nosso collega José Braga. Desvaneceu-nos bastante a demonstração de apreço.

O Vassourense — Um dos melhores jornaes da provincia do Rio, no fundo e na forma. Redactor principal, o illustrado dr. Lucindo Filho.

De seu n. 41 extratamos as seguintes linhas, que nos penhoraram sobremodo:

« No principio do corrente anno o sr. dr. Valentim Magalhães fundou na côrte um periodico de feição litteraria, e unico no seo genero na imprensa fluminense, *A Semana*.

Com o correr dos mezes esse periodico com a sua excellente redacção foi adquirindo sympathias e o apoio do publico, e hoje é um jornal importante.

Dous moços distinctos, um já conhecido no mundo litterario por um auspicioso livro de estréa, que intitulou — *Fugitivas*, contendo poesias delicadas, o sr. Jorge Rodrigues, e outro, escriptor que ha pouco começou nas lides da imprensa, mas demonstrando muito talento, o sr. José Braga, acabam de encetar em S. João d'El-Rei a publicação de um periodico semelhante á *Semana*, que intitularam O Domingo.

Temos á vista os tres primeiros numeros, e damos os parabens aos seus dignos redactores.

De facto os artigos, as poesias d'*O Domingo*, são de leitura agradavel e attrahente, e bem escriptos.

E' difficil sustentar-se um periodico como O *Domingo*, principalmente nas localidades do interior. Se na Côrte mesmo os jornaes não duram...

Mas se *O Domingo* conseguir ter vida longa, como merece, a florescente cidade de S. João d'El-Rei deverá disso orgulhar-se.

Comprimentando o illustre collega pela sua brilhante apresentação, agradecemos os numeros que recebemos, e permutamos. »

Gazeta de Barbacena. N. 38. E' um orgamsito do partido liberal — que vive a bater na monarchia em artigos republicanos e impagaveis; — mais impagaveis ainda que republicanos.

O numero que temos á vista traz um artigo de fundo que devia estar assignado pelo principe Obá.

Uns pedacinhos, a ésmo:

Depois de dizer que « o astronomo e maniaco é a primeira organisação intellectual desta desvairada plaga americana » acrescenta que sua magestade approvando a « aberração monstruosa de um cerebro rachitico e depauperado » cumprio « dedo a dedo » o seu dever!

Como tem dedo para dizer destas, a *Gazeta*!

« Sua magestade julgou que neste paiz inteiro, num borburinhar de generosidade » . . . etc!

« Emfim, o projecto está tornado lei.

E o braço que a sanccionou não tremeu quando empalmou a penna e fez ciciar sobre as linhas levemente aniladas do papel . . . »

Mas, vejam bem, senhores. Reparem, que isto é uma raridade.

« E s. m. não teve remorsos, não teve — quem sabe? — consciencia de que acaba de atirar um escarro sobre a sepultura de Rio Branco, (*horresco!*) quando devia ter atirado um batalhão de lagrimas (leitor, por quem és . . . vamos! acalma os nervos.) — feitas perolas, cuja sonoridade repercutisse até aos corações mais bronzeos. »

Por Deus do céo que isto é que é estupendo, não é o projecto, não . . .

« Para esse acto revoltante que acaba de ser praticado pelo imperador, o povo que ora é medonho, indomavel, *valente* como uma panthera (Jesus!) e ora tem a mansidão de um arminho, — (ouviram? — arminho!) *deve dar despreso o reagir.* »

Ah! mas o nosso desejo era reproduzir todo esse artigo nos *Lambrequins*.

No genero bestialogico os leitores nunca viram cousa tão bem acabada.

Não é possivel; já temos esperdiçado muito espaço com o orgam liberal-republicano de Barbacena.

Para concluir:

E é logo depois de um artigo desses que a sra. *Gazeta* vem nos cá dizer que uns sonetos do nosso n. 3 têm versos « frouxos, doentios e opilados »!!!

Ella, a *Gazeta de Barbacena!*

Oh! senhores pois não ha por ahi uma lei que puna esses desaforos?

E para maior cumulo de petulancia manda-nos o immenso critico um valente (valente! tal qual como a panthera . . .) *schake hands.*

Era caso para ficarmos com as mãos esmagadas, ou não?

Felizmente foi de longe. Safa!

E — nunca mais!

A Justiça, da Franca, S. Paulo. Semanario politico, litterario, commercial. E' seu redactor-chefe um dos mais distinctos e um dos mais valentes jornalistas d'aquella provincia, o dr. Estevam Leão Bourroul.

Fortalecido pela sinceridade de suas crenças e pela firmeza de suas opiniões, o illustre collega tem salientado seu nome entre os dos polemistas mais adiantados da imprensa paulistana. Não só em grande numero de jornaes como em diversos opusculos tem o dr. Bourroul se distinguido sempre com talento e galhardia, no meio dessa mocidade que trabalha e que estuda.

Agradecendo a honrosa visita do collega, abraçamos com saudade o velho amigo e camarada dos bons tempos . . .

A Folha da Victoria. — Jornalsinho que se publica na Victoria, sob a intelligente redacção do Sr. Candido Costa. Dá uma noticia d'*O Domingo* muito lisongeira. Lá irá, elle mesmo, em visita, agradecer ao collega.

Correio de Padua. Folha da villa

do Padua. Tem uma secção denominada — *Duchas!* — *Vade retro!* . . .

A Provincia do Espirito Santo — Diario consagrado aos interesses provinciaes, filiado á escola liberal.

— Redactores — Moniz Freire e Cleto Nunes, dous valentes escriptores que batalham com animo firme e resoluto, tomados do enthusiasmo santo da convicção. Lutam com denodo e, animados pela pujança do talento, pelas energias do caracter, pela nobre audacia de seus corações generosos,ennobrecidosna expansão de sinceras crenças — não esquecem um momento a defeza das idéas que adoptaram e cujo triumpho almejam na alacridade radiante com que os moços aspiram á realisação de seus ideaes mais caros.

O Porvir, de Rezende. Uma pollegada de tamanho — mas immenso, enormissimo nos disparates.

Que diabo será o presente de quem sonha um porvir destes?

Musas risonhas

(Ante o cadaver de um mono)

Velho histrião da decantada raça
de finorios heroes de HUMOUR *constante,*
sem que exercesses teu valor possante
ferio-te a negra mão de atroz desgraça.

Ao ver-te assim, por minha idéa passa
da tua estirpe a historia triumphante,
que Darwin conta, te fazendo avante
por um triz partilhar da Eterna Graça.

Mostras nos labios, entre o pello hirsuto,
um sorriso de raiva, horrendo e máo
como dizendo:-« Não, não ponham luto,

mas a alma cruel desse homicida,
que ferio-me, hade estar arrependida
por que eu era seu primo em quarto
grão. »

Romeu ALEGRE

Chegada

De sua viagem ao centro da provincia, chegou a esta cidade o nosso presado amigo Francisco Ayres Cunha, representante de conhecido estabelecimento dos Srs Magalhães & Veiga, na Côrte.

Grande foi o prazer que sentimos em abraçal-o, compensando-nos d'este modo das afflicções que nos causou ha pouco tempo o boato de ter sido o nosso amigo victima de um tenebroso trama, que contra elle se urdio no exercicio de sua profissão, que é bastante perigosa.

LAMBREQUINS

Em um exame:
— Christo morreu na Cruz.
— O que é Christo?
— E' o verbo.
— Verbo?! . . .
— Sim, senhor: Christo è o verbo encarnado.
O examinador ficou verde.

—

Nem todos os nomes que a historia archiva, se insculpem no sanctuario do coração do povo.

—

Um figurão deante das ruinas de Pompeia:

— Pois deveras? E' isto que me disseram ser digno de admiração? Mas então está completamente desmanchado! . . .

—

Ampere, esse sabio illustre, era de uma espantosa distracção.

Ao encaminhar-se um dia para o seu curso da Sorbonne, vio na rua uma pequenina pedra, que apanhou e começou a analysar curiosamente.

De repente lembrou-se do curso, que ia leccionar. Tirou o relogio, vio que a hora se aproximava, dobrou o passo, metteu cuidosamente a pedra na algibeira e atirou com o relogio por cima da ponte das Artes.

Era principalmente no seu curso da Escola Polytechnica, no meio dos discipulos,que elle tinha singularissimas distracções.

Entre outras acontecia-lhe muitas vezes ao terminar uma demonstração no quadro, apagar o algarismo com o lenço, mettendo na algibeira o esfregão do giz, depois de se lhe ter assoado.

—

Quando subires a escada,
menina, toma cautella . . .
(Grita um moleque na venda:
— Quatro vintens de canella!)

—

Ha tolices muito bem disfarçadas como ha tolos muito bem vestidos.

Morte ao tempo

—

LOGOGRYPHO

Nas selvas morada tenho	9-10-3-9-4-6
E sou nome pouco usado	7-6-3-2-10
Minha cor é muito clara	4-8-5-7-8
Com o dedo em mim tocado	7-8-9-4-10
E tambem eu sou um numero	6-2-7-6
Em Portugal abundante	9-8-1-6-4-10
Sempre estou no chafariz	3-5-9-10
E o cavalheiro é meu amante	3-6-7-10

CONCEITO

Em mim se encontram riquezas
Que é dado a todos gozar,
E é feliz o que procura
Meus thesouros explorar.

William FOG

CHARADAS

(EM TRIANGULO)

- - - - - - - -	Mulher
- - - - - - -	Adjectivo
- - - - - -	Na igreja
- - - - -	Arvore do Brazil
- - - -	Substantivo
- - -	Peccado
- -	Na garganta
-	Artigo

O processo para a decifração das charadas em triangulo, é o mesmo empregado na decifração das *em quadro*, com a differença, porem, de serem as palavras d'aquella dispostas de modo a formar a figura de que trazem o nome.

TELEGRAPHICAS

Peteca é exercicio — 3
Metro cobre — 2
Arcano todos teem — 3

(EM QUADRO)

Mulher
Homem
Animal
Bebida

ANTIQUISSIMAS

Na musica, em toda a parte e na egreja—2—1

O homem na igreja é madeira—1—2

Mata a interjeição e canta-se—2—1.

A um grupo de moças, nossas conterraneas, que se occultam sob o expressivo nome de — *Club das Perspicazes*, — coube d'esta vez o premio promettido ao 1º decifrador das *mortices* do nº passado.

Os logogryphos — *Salsaparrilha* e *Esmeraldina*, as *telegraphicas* — *Catarata* e *Bodoque* e as *novissimas* — *Xaréo* e *Pégaso* deram que fazer a muita gente, deram.

O Snr. Dr. Candido Moura deixou de decifrar o logogrypho que meu patricio *Hong — Hong*, com a paciencia que caracterisa os incolas do Celeste Imperio, organisou para ser-me graciosamente offerecido. O Snr. José de Rezende confessou não poder com as *telegraphicas*, decifrando os logogriphos e somente a 2ª das *novissimas*, pois a decifração que nos mandou da 1ª não é a verdadeira.

Parabens ao — *Club das Perspicazes* — ao qual já tivemos a honra de enviar as — *Miniaturas* de G. Crespo.

TONG KONG SING.

CORRESPONDENCIA

SR. V. AYROSA (S. Paulo) Não tem razão de ser o pedido que nos faz n'aquelle tom formalisado. Merece-nos muito *A Democracia* para que deixassemos de ir visital-o. Leu o nosso numero passado? Não podemos deixar de culpar o correio. *A Democracia* tem-nos vindo e por signal que sempre attrahente e apreciavel.

AO PHAROL, Juiz de Fóra. Conhecemos o cavalheirismo do collega. *Aquillo* não passou de um gracejo de velho companheiro. Sempre gratos.

SR. ANDRONELLI — Sua *phantasia*, ou cousa que o valha, tem uns pedacinhos bonitos, que não parecem do mesmo autor de outros pedacinhos...

Isto nos fez desconfiar.

Depois lemos este trecho:

« Embebido na contemplação sublime d'aquella despedida da luz, que se afogava no oceano ... »

Oceano na Agua-Limpa, *seu* Andronelli?

Altos mysterios de Deus — e da hydrographia!

O final de seu escripto está triste, emocionante. *Tong Kong Sing* ao lel-o, não poude esconder uma lagrima...

Felizmente, aquella nota no fim da tira com o esperançoso — « não ficará no singular » sempre nos alegrou de novo um poucochinho.

SR. SCIPIÃO DA LUZ. — Seu artigo não é o que se pode chamar uma novidade. A propaganda de que fala já está feita. Agora é esperar que cada um cumpra o seu dever... e o tempo aperfeiçoe o resto. Sua linguagem é um tanto sediça...

Mande-nos cousas boas, cousas novas, attrahentes, interessantes. E assigne, que de anonymos estamos fartos.

Por que este receio? A nossa critica hade ser sempre attenciosa e nunca dará para envergonhar ninguem, pode acreditar. O Sr. decididamente não é da celebre familia romana, dos valentes Scipiões. Mesmo de *luz* não tem muito, — muito, — positivamente, não tem; e de Scipião... mesmo sem a victoria sobre Asdrubral, em Betulia, e sem a tomada de Carthagena, ainda lhe falta alguma cousa, quasi tudo mesmo podia-se dizer, para fazer honra ao nome. Vê? Antes assignasse o seu.

Estude e eleve o estylo. Foi no exilio que o *outro* deu-se á cultura das lettras. O Sr. mostra que nunca foi exilado, palavra! Não vá agora com estes reparos tornar-se nosso inimigo, com o Scipião Nasica era dos Gracchos patrioticos, sim? Afinal de contas, aqui onde nos vê somos uns bons rapazes.

SR. JOSÉ BENTO LOBATO. — Mas o Sr. deu-nos uma prova de que devia tambem ser barão! Como diabo ainda...

CICERO DE PONTES. Juiz de Fora, ... *autem tacebat*!

Á REDACÇÃO d'*O Parahyba* (Parahyba do Sul) — Affirmamos-lhe que lhe temos feito regularmente a remessa de nossa folha, pois outro não podia ser o nosso procedimento para com o collega, que nos tem tractado com tanta amabilidade, e cuja visita recebemos sempre com o maior prazer.

Mas o *Correio* ainda continúa a soffrer da mania de colleccionar jornaes, e lá se foi a nossa modesta folha fazer parte de sua immensa *collecção*.

Agradecemos-lhe a delicadeza da reclamação e lhe enviamos os n.os d'*O Domingo*.

ANNUNCIOS

O DOMINGO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade e Redacção de Jorge Rodrigues e José Braga

Preço da assignatura:

Para a cidade--6$ por anno; 3$ --- por semestre.
Para fóra só se acceitam assignaturas por anno--6$.
Numero avulso 200 reis.